

SERVIDORES

Categoria decide hoje em assembléia se inicia paralisação, mas promete manter atendimento à população. Funcionários do Detran tentam obter plano de saúde

Médicos ameaçam parar

Marcello Xavier
Da equipe do **Correio**

Os médicos da Fundação Hospitalar do Distrito Federal (FHDF) ameaçam entrar em greve caso o GDF não atenda suas reivindicações. A categoria — que reúne 2,3 mil profissionais na rede pública — tem assembléia marcada para hoje, às 19h, no auditório do Hospital Regional da Asa Norte. Mas, ao contrário de outras paralisações, o Sindicato dos Médicos (Sindmédico) garante que o atendimento nos centros de saúde e hospitais públicos será mantido caso a greve seja aprovada.

Iniciar uma paralisação e oferecer atendimento ao mesmo tempo é um mistério. “É surpresa”, desconversa um dos diretores Francisco Rossi. Ele explica que a mudança de estratégia se deve ao fato de que, historicamente, os profissionais de saúde sempre ficam mal vistos pelos usuários do sistema público. “Vamos mostrar que proselitismo político não atende à população.”

A principal reivindicação é o retorno das 20 horas semanais, suspensa em junho por liminar do Tribunal de Justiça do DF. A Lei 2.050/98, de autoria dos distritais Odilon Aires (PMDB) e Maninha (PT), é inconstitucional. De acordo com a Lei Orgânica do DF, a regulamentação da carga horária deveria ter sido proposta pelo poder executivo, pois implica aumento de despesas.

Um novo projeto de lei está nas mãos do governador, que deve enviá-lo à Câmara Legislativa

Carlos Moura



CAMPANHA CHAMA ATENÇÃO PARA FALTA DE MÉDICOS NA REDE PÚBLICA: CATEGORIA COBRA 20 HORAS SEMANAIS

depois do recesso. Em nota de esclarecimento à população, distribuída em centros e hospitais públicos, o secretário Frejat explica que só fez cumprir a decisão judicial. E que só será possível atender à categoria depois do recesso parlamentar. A nota encerra dizendo que “a deflagração de greve será uma decisão contra a Justiça e contra o povo.”

Na opinião dos sindicalistas, falta vontade política ao governo em resolver essa e outras questões. “Quando o governo

quer, aprova o que quer com a maioria dele na Câmara”, dispara Gutemberg Filho, outro diretor do Sindmédico.

O Sindmédico, que já foi apontado como governista, adotou uma postura agressiva contra o GDF. Uma campanha publicitária em rádio, televisão e outdoor chama a atenção para a falta de médicos na FHDF. De acordo com o sindicato, seria preciso dobrar o número de profissionais para atender à demanda — 4,8 milhões de atendimentos em

1999. “Não falta médico na cidade. Faltam melhores salários. Por isso poucos aprovados do último concurso assumiram”, diz Rossi. O piso salarial é de aproximadamente R\$ 1.300,00.

DETRAN E SINDIRETAS

Enquanto os médicos caminham para a greve, o Sindicato dos Servidores do Departamento de Trânsito (Sindetran) vai sugerir à categoria que dê mais um prazo para o GDF. Os funcionários do Detran têm

assembléia hoje, às 13h, com paralisação das atividades na sede do Detran.

O presidente do Sindetran, Rômulo Félix, esteve com o secretário de Assuntos Sindicais, Vatanábio Brandão, que sinalizou com a possibilidade de implantação do plano de saúde. “Não vamos recuar do que queremos. Se o governo não atender à nossa pauta, entraremos em greve. Mas não acredito que a paralisação seja deflagrada amanhã (hoje)”, avalia.

O sindicato vai fazer um levantamento de quantos servidores do Detran e dependentes seriam beneficiados por um plano de saúde. E ficou de apresentar ao secretário um orçamento para avaliar os custos aos cofres do GDF.

Outra categoria que recuou da greve é a dos servidores da Administração Direta (Sindireta). Sindicalistas reuniram-se com o secretário Vatanábio Brandão na semana passada e ouviram a promessa de o governo atender a algumas das reivindicações. Ficou acertada uma audiência com Roriz em 1º de agosto. O Sindireta apoiou o governador na campanha eleitoral de 98. “Foi um avanço nas negociações”, avalia o presidente Severino Marques.

A decisão de recuar irritou alguns sindicalistas. Na opinião de um auxiliar administrativo, que prefere o anonimato, a atitude do Sindireta reforça o alinhamento da entidade com o GDF. “Ao invés de lutar pelo trabalhador, o sindicato reza na cartilha do governo.” E avalia: “A assembléia de amanhã (hoje, na Praça do Buriti) vai estar vazia.”